



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

THIAGO ALBUQUERQUE GONÇALVES

**MÍDIA E RELIGIÃO:
O JORNAL O SÃO PAULO E SUA PRESENÇA NA ESFERA PÚBLICA**

CAMPINA GRANDE - PB

2022

THIAGO ALBUQUERQUE GONÇALVES

**MÍDIA E RELIGIÃO:
O JORNAL O SÃO PAULO E SUA PRESENÇA NA ESFERA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social, Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Luís Adriano Mendes Costa

CAMPINA GRANDE - PB

2022

THIAGO ALBUQUERQUE GONÇALVES

**MÍDIA E RELIGIÃO:
O JORNAL O SÃO PAULO E SUA PRESENÇA NA ESFERA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social, Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: 25/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Luís Adriano M. Costa

Prof. Dr. Luís Adriano Mendes Costa (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Antônio Roberto Faustino da Costa

Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Rafael de Araújo Melo

Prof. Me. Rafael de Araújo Melo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635m Gonçalves, Thiago Albuquerque.
Mídia e religião [manuscrito] : Jornal O São Paulo e sua presença na esfera pública / Thiago Albuquerque Gonçalves. - 2022.
34 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Luís Adriano Mendes Costa, Coordenação do Curso de Jornalismo."
1. Mídia. 2. Esfera pública. 3. Religião Católica. 4. Comunicação religiosa. I. Título

21. ed. CDD 302.2

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 MÍDIA E ESFERA PÚBLICA	8
3 A SOCIEDADE PÓS-SECULAR: COMPREENSÃO E COLABORAÇÃO	13
4 MUDIATIZAÇÃO RELIGIOSA, UM NOVO ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA, DIÁLOGO E PRÁTICAS SOCIAIS	16
5 MEDIAÇÃO: APERFEIÇOANDO EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO ON-LINE.....	19
6 CONTEXTO HISTÓRICO DO JORNAL O SÃO PAULO.....	21
7 JORNAL O SÃO PAULO E SUA PRESENÇA NA ESFERA PÚBLICA.....	23
7.1 Semanário de 1 a 7 de dezembro de 2021 – 24 Páginas – Edição 3374.....	24
7.2 Semanário de 8 a 14 de dezembro de 2021 – 24 Páginas – Edição 3375.....	27
7.3 Semanário de 15 a 20 de dezembro de 2021 – 24 Páginas – Edição 3376.....	28
7.4 Semanário de 21 de dezembro de 2021 a 12 de janeiro de 2022– 24 Páginas – Edição 3377.....	30
8 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	35

MÍDIA E RELIGIÃO: O JORNAL O SÃO PAULO E SUA PRESENÇA NA ESFERA PÚBLICA

Thiago Albuquerque GONÇALVES¹
Luís Adriano Mendes COSTA²

RESUMO

O artigo busca através do jornal O São Paulo analisar a presença da Igreja Católica na esfera pública, partindo inicialmente dos estudos do filósofo e sociólogo alemão, Jürgen Habermas sobre a esfera, e o uso da comunicação como porta voz para temas significativos neste espaço. Habermas e outros autores trazem aporte teórico para analisar o uso da comunicação religiosa como canal que também colabore como instrumento em defesa das causas de toda a sociedade em um mundo pós-secular. A pesquisa é de abordagem qualitativa é caracterizada por sua metodologia descritiva, contando, também, com autores que contribuem com os estudos sobre mídia e religião e as diversas formas de propagação da comunicação religiosa, assim como o espaço para pautas gerais de interesse público. Em resultado, pôde-se concluir que a comunicação religiosa avançou e abriu espaço para temáticas além das pautas religiosas, buscando possibilidades de contribuir com políticas públicas, bem como possibilidades de diálogos para reforçar os deveres do estado e as necessidades da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia e Religião. Esfera pública. Igreja Católica.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the presence of the Catholic Church in the public sphere through the newspaper O São Paulo. Starting from the studies developed by the German philosopher and sociologist Jürgen Habermas about the public sphere and the use of communications as an advocate for important themes in discussion on this space. Habermas and other authors bring theoretical inputs to analyze the use of religious communications as an instrument to defend causes of the society in a post-secular world. The research has a qualitative approach, which is characterized by its descriptive methodology, also counting on authors who contribute with studies on media and religion, and the various forms of propagation of religious communication, as well as the space for general agendas of public interest. As a result, it can be concluded that religious communication has advanced and made room for topics beyond religious agendas, seeking possibilities to contribute to public policies and opportunities for a dialogue to strengthen the duties of the state and the needs of society.

Keywords: Media and Religion. Public Sphere. Catholic Church.

¹Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: thiago.albuquerque.email@gmail.com

²Orientador do trabalho. Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: luisadriano@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Num tempo em que a mídia se encontra cada vez mais presente e necessária, promovendo espaços de discussões frequentes para diversos assuntos, trazendo um ambiente de autopromoção de sujeitos, ideais e diversas disputas, uma questão se coloca como fundamental: como permitir que um maior número de pessoas tenha acesso à direitos fundamentais, a exemplo da comunicação, de forma igualitária?

Esse fato faz parte de um processo de mediatização em que as mídias individuais e institucionais, juntas aos dispositivos eletrônicos interferem nos meios de comunicação e refletem nos processos sociais, mostrando-se um ambiente pouco igualitário, além de apresentar-se com diversas barreiras que dificultam a difusão do conhecimento, junto a necessidade de espaços para seu direito de voz e que levem suas causas à discussão pública.

Ainda assim, diversas instituições prestam serviço de informação, buscando esforços e formas para que chegue comunicação de qualidade ao cidadão. Entre elas, a igreja católica através dos seus meios de comunicação oferece novos caminhos e uma nova perspectiva para tratar assuntos públicos, para promover alcance e um canal de fala.

Diante disso, partimos da seguinte problemática norteadora: a presença da Igreja Católica ao inserir-se na esfera pública abre, de fato, nova oportunidade através do processo de midiatização da religião para aproximar-se do público em geral secularizado e não apenas para seu nicho de fiéis/religiosos? Para responder esse questionamento o presente trabalho subsidia-se do jornal O São Paulo como objeto de pesquisa. O objetivo é verificar o espaço dado aos temas apontados pelo jornal, sejam esses, religiosos, econômicos, políticos, entre outros; compreender o jornal O São Paulo enquanto instrumento de midiatização do campo religioso; e buscar contribuir com os estudos sobre a relação entre a mídia e a religião.

A pesquisa ora apresentada é caracterizada por sua metodologia descritiva, sendo realizado um estudo de caso a partir da experiência do Jornal O São Paulo, em que serão analisadas pautas pertinentes da igreja católica que possam levar sua presença à esfera pública por meio de semanário em sua versão digital. Para isso, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de alguns autores que fornecem base para a análise em questão.

Também realizamos uma pesquisa documental através da análise de conteúdo (Bardin, 2016) por meio das páginas da arquidiocese da cidade e do próprio jornal, numa abordagem qualitativa. Para isso, foi necessário realizar uma interpretação conducente do que o jornal se propõe a colocar dentro das suas editorias. Isso foi possível através do direcionamento da organização da análise indicada por Bardin que se organiza em três polos cronológicos que direcionam os resultados; a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e a interpretação.

Após o processo buscou-se analisar a frequência das pautas do jornal pelas categorias: saúde, tecnologia, economia, comportamental e social. Verificando quais seriam pertinentes para a prestação de serviço público e humanizado de informações, a partir de uma interpretação dos mesmos relacionando a base teórica usada no trabalho junto à prática conhecida pelos meios.

Na construção de referencial trabalhamos com Fuchs (2016), Habermas (1997, 2003, 2013), Martino (2017), Oliveira (2021), Sbardelotto (2012) e Zabatiero (2009), que contribuíram como base para as referências e através de suas considerações acrescentam a narrativa suporte para a pesquisa.

2 MÍDIA E ESFERA PÚBLICA

Com o avanço da tecnologia, seu processo de midiaticização e diversas plataformas que oferecem, hoje, através da internet um ambiente novo para se relacionar e colocar opiniões e questões cotidianas em pautas, nos permite ver um novo lugar para ter vozes presentes na esfera pública. E se torna indispensável discutir e analisar a esfera pública, partindo das ideias levantadas pelo filósofo e sociólogo Jürgen Habermas, relacionando com as novas mídias frente ao convívio social dentro do seu campo de estudo sobre o agir comunicativo.

É através das mídias, atualmente, que o indivíduo colabora por meio de suas relações e experiências na construção de pautas pertinentes para os meios de comunicação, ganhando espaço e visibilidade pública que garantem o repasse de suas causas, apelos, que gera uma relação contínua entre a mídia, o público, em caminho aos meios de interação discursiva. Como afirma Fuchs (2016, p. 21), “um aspecto específico da mídia e dos sistemas de comunicação é que eles comunicam conteúdos criados ou cocriados por seres humanos, os quais são armazenados, interpretados e reinterpretados para ter significado no mundo.”

Ainda assim, frente à essa atual cadeia comunicativa é necessário frisar que esses espaços de discussões públicas constroem e se alinham no início do século XVII, através dos chamados jornais políticos que já colocavam em suas páginas assuntos relevantes para a sociedade, garantindo um olhar crítico em relação ao poder vigente da época, a nobreza. Segundo Oliveira (2020, p.21) “a esfera pública podia ser entendida como a esfera das pessoas privadas, regulamentada pela autoridade da época (nobreza), mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela leis e princípios”. Posteriormente, Habermas aponta que no século XVIII surge na Inglaterra uma esfera pública que funciona um pouco mais, efetivamente, com questões e discussões políticas, através da burguesia que transportava as discussões necessárias para o poder vigente.

O que Habermas (1984, p. 169) observa neste processo e coloca em discussão no decorrer de seus estudos, acerca da adaptação da esfera pública, é que “a esfera pública burguesa se desenvolve no campo de tensões entre Estado e Sociedade. Mas de forma que ela mesma se torna parte do setor privado”. Logo, dentro de um sistema capitalista, os burgueses tendem a privatizar e reduzir o que deveria ser direcionado a um espaço público de discussões. No tocante à esfera pública, Oliveira (2020, p. 23) expõe que “na prática ela estava restrita a um setor limitado da população, havendo exclusão de grande parte da sociedade”.

É a partir daí que a esfera entra em declínio e o conceito habermasiano passa a dar margem para maiores possibilidades de efetivação de uma esfera pública que em sua base deve prezar por interesses comuns, dar voz às necessidades da sociedade e tornar esse espaço cada vez mais democrático.

Neste sentido, é notória a apropriação de meios que favoreçam a liberdade de expressão, mediando constantes possibilidades de diálogos entre Estado e Sociedade, para que a opinião pública encontre espaço para existir em níveis mais amplos. O conceito formulado por Habermas no livro “Direito e democracia: entre facticidade e validade” mostra a mudança, significativa, a partir da visão de que ao alcançar níveis mais amplos, a esfera configura um espaço livre, distante do domínio de uma instituição ou grupos privados, assim como organizações e sistemas diversos. Contudo, insere-se nessas linhas compondo e integrando uma parte das ações de estrutura social, com horizontes abertos e permeáveis. Firmando o exposto, o autor diz que a esfera pública

Pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posições e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados

e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos. (HABERMAS, 1997, p.92)

Este espaço, que a esfera oferece para discutirem, abre caminhos para discussões de diversos segmentos que, conseqüentemente, estejam dentro da vida pública, consolidando uma das ideias do pensamento habermasiano, de construir espaços democráticos de discussões racionais, de participação política e que ecoem problemas para buscar políticas a favor da cidadania, visto por ele como “um sistema de alarme dotado de sensores não especializados, porém, sensíveis no âmbito de toda a sociedade”(HABERMAS, 1997, p. 92). Portanto, capaz de promover sinais para ações que reflitam na solução de problemas, publicamente, relevantes às necessidades dos sujeitos sociais. Sendo assim,

Na perspectiva de uma teoria da democracia, a esfera pública tem que reforçar a pressão exercida pelos problemas, ou seja, ela não pode limitar-se a percebê-los e a identifica-los, devendo, além disso, tematiza-los, problematiza-los e dramatiza-los de modo convincente e eficaz, a ponto de serem assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar. E a capacidade de elaboração dos próprios problemas, que é limitada, tem que ser utilizada para um controle ulterior do tratamento dos problemas no âmbito do sistema político. (HABERMAS, 1997, p.91)

O mundo moderno traz a força da esfera pública através das ações democráticas que geram oportunidade para o debate racional. Para isso ser mantido é necessário que seja de todos e para todos, por isso, com o decorrer do tempo o modelo de esfera pública burguesa tornar-se questionável, já que atendia a uma parcela limitada da sociedade. A esfera pública pelo olhar habermasiano acentua temáticas que precisam ser problematizadas, solucionadas quando direcionadas para o espaço público, em que seja possível gerar debates entre todos, independente de seus posicionamentos individuais, assim, soma-se junto as pautas colocadas por oferecerem diferentes pontos de vista para análise e que se torna interesse público. Para o autor, em uma definição inicial,

[...] a esfera pública é um espaço abstrato formado a partir da conversa entre pessoas. Mas não é qualquer conversação, e essa é uma das características mais importantes do conceito: a esfera pública é o lugar de interação entre cidadãos livres sobre assuntos de interesse público(MARTINO, 2016, p.80).

Essa interação faz com que a sociedade civil ganhe força e influência para levar argumentos fortes para o Estado efetivar. Funciona como um despertar de ações dos

chefes políticos, fazendo-os agir com mais transparência diante de suas responsabilidades.

O próprio Habermas, no decorrer de seus estudos, acompanha a constante necessidade de que a esfera pública esteja frente às necessidades de todos os cidadãos, frequentemente articulados em busca de legitimar suas causas, de forma que se estendam além das conversas internas e da ideia inicial dos cafés do século XVIII que proporcionaram discussões e projetavam o surgimento da esfera pública.

Atualmente, conseguimos identificar os novos espaços virtuais que a mídia oferece como possibilidade para a articulação e troca de informação. Seguindo a linha de pensamento de Fuchs, o reflexo disso é a recepção do público que, automaticamente, vê seus papéis sociais representados. Já que a “mídia cria informação pública (reportagens, notícias, entretenimento, conteúdo gerado por usuários, etc.) que confronta as pessoas em diversos papéis sociais, sendo que criam significados para o mundo com base nesta informação.” (FUCHS, 2016, p.21).

A partir desses caminhos para representação de papéis sociais, a esfera pública se abre para uma possibilidade de comunicação cada vez mais plural, reagindo mais rápido às problemáticas e gerando representantes cada vez mais ativos. Martino (2016) mostra através da visão de Habermas que esse processo de representação vem a partir da *deliberação*, “umas das maneiras de garantir a participação de cidadãos, cidadãs e grupos nas discussões que caracterizam uma sociedade democrática”.

A deliberação entra nesse processo como um momento igualitário de discussões, em que os indivíduos procuram dentro de vários pontos de vista analisar, e com isso alcançar um discernimento comum, neste sentido diz Martino (2016, p. 80): "Um dos princípios da democracia é justamente a pluralidade de pontos de vista. Ao mesmo tempo, essa pluralidade precisa ser transformada em ações que atendam aos interesses públicos" ou pelo menos gerar uma reflexão geral na busca conjunta em projetar ações que sirvam para todos.

Portanto, a mídia nesse processo entra como instrumento necessário de participação e abertura à uma nova esfera pública, na qual jornais, instituições, meios de comunicação e mídias sociais tornam-se fundamentais para expor assuntos e opiniões que contribuam para a tomada de decisões frente as questões políticas e o leque de problemas cotidianos que partem da atenção básica da estrutura familiar até o que atinge completamente a vida diária de uma sociedade inteira.

Martino destaca que (2016, p. 84), a mídia “é um espaço fundamental de manifestação de ideias e pontos de vista relacionados aos temas da esfera pública. Isso parece pressupor, na visão do autor, que exista uma pluralidade de meios disponíveis para levar a público as diversas opiniões”.

Junto à visão de Habermas, pode-se acrescentar que de fato existam outros meios disponíveis para colocações, outras opiniões e ações, além dos diálogos e presenças. Na contemporaneidade, dentro da sociedade pós-secular e da ideia de secularização a mídia é vista como espaço fundamental dentro da nova esfera pública. Pois, segundo o autor,

[...] as esferas públicas ainda estão muito ligadas aos espaços concretos de um público presente. Quanto mais elas se desligam de sua presença física, integrando também, por exemplo, a presença virtual de leitores situados em lugares distantes, de ouvintes ou espectadores, o que é possível através da mídia, tanto mais clara se torna a abstração que acompanha a passagem estrutural espacial das interações simples para a generalização da esfera pública. (HABERMAS, 1997, p.93).

Levando em consideração o exposto, podemos notar o impulso de novas fontes de informação, sobretudo na presença virtual, que projetam ainda que não muito simétrico, constantemente, conteúdos em diversos segmentos. Podemos compreender a partir de Fuchs (2016, 22) que: “Estas fontes de informação tendem a ser distribuídas assimetricamente, com políticos, governos, partidos, celebridades, experts, empresas e gerentes, que têm um papel, significativamente, mais importante do que os cidadãos comuns.” Em outras palavras, o sistema midiático mostra-se cada vez mais expansivo e abre um leque de possibilidades para representações que servem de canais para a atuação na esfera pública ou instrumentos que facilitem acesso a ela em meio à nova realidade pós-secular.

O que podemos analisar dentro da nova esfera pública é que ela presta uma cadeia participativa mais ampla que vai dos setores privados ao público, do secular até o religioso. E nesta pesquisa, a análise vai ao encontro ao nicho que por um tempo não foi visto como válido nas representações e discussões públicas, até mesmo pelo próprio Habermas, já que ele revisitou seus conceitos e reviu as delimitações mais estreitas da esfera pública; a religião com a sua linguagem eclesial nas argumentações, para ser inserida como instrumento da esfera, precisou ser readaptada no processo de secularização, que resultou numa reconfiguração da sua comunicação, traduzindo sua

linguagem para além do seu público e passa para a realidade da nova esfera e insere-se na mídia para mediar a sua aproximação com o público.

3 A SOCIEDADE PÓS-SECULAR: COMPREENSÃO E COLABORAÇÃO

Ao entrarmos nesse caminho para compreender o papel da religião como um dos pontos relevantes dentro da esfera pública de Habermas, é necessário incluir a expressão *pós-secular* na discussão e trazer sua motivação para ganhar um sentido importante do que é tornado público dentro da esfera. Segundo a linha do filósofo e sociólogo, Júlio Zabatiero (2009, p. 157), em seu ensaio e análise sobre o papel da religião no debate público, “Uma sociedade pós-secular é aquela que garante a liberdade religiosa e a pluralidade de imagens de mundo, mantendo a separação entre jogos de linguagem religiosos e jogos de linguagem não religiosos”.

A partir disso, podemos distinguir em certos pontos o devido reconhecimento da presença das comunidades religiosas, sua abertura e sobrevivência junto ao ambiente democrático da sociedade, como presença relevante no acréscimo de outros pontos de vista dentro do mundo secularizado e do espaço público. Martino (2016, p. 80), pode acrescentar: “Um dos princípios da democracia é justamente a pluralidade de pontos de vista. Ao mesmo tempo, essa pluralidade precisa ser transformada em ações que atendam aos interesses públicos”.

A partir dessa compreensão, é perceptível o distanciamento do que foi apontado acerca da secularização que teve início na sociedade ocidental, no século XVIII, em que acontece o afastamento dos fiéis do ambiente religioso, a queda da relevância e do poder da igreja nos assuntos e decisões que permeavam a sociedade.

Basicamente antes das “novas normas do jogo”, a religião dirigia a visão de mundo de grande parte da sociedade, e isso foi quebrado no decorrer das décadas para separar a autoridade religiosa de uma influência política. Modos de pensar deviam ser racionais e não doutrinários, por isso, Martino (2016, p. 96) ao analisar o sentido inicial de secularização diz que ela “pode ser entendida como a perda da importância da religião para a tomada de decisões públicas”, reduzindo o poder religioso e repassando para o Estado, que buscava abrir possibilidades para outras visões de mundo conseguirem conviver dentro de um ambiente com laicidade; conseqüentemente, por exemplo, divergências religiosas que ocasionavam conflitos territoriais e de poder, com a religião sob motivação, começaram a perder força.

Em teoria, a religião não poderia estar dentro da tomada de decisões da esfera pública por sua linguagem ainda contida ao seu público e doutrina, por gerar reações em toda a sociedade por ações sem argumentos racionais que fossem compreensíveis. Com o passar do tempo a influência religiosa adapta-se ao mundo secularizado e ganha espaço na esfera pública na medida em que passa a saber lidar com essas “novas normas do jogo”.

Ainda com essa perda, como dito anteriormente, nos últimos tempos as religiões dentro de suas considerações particulares no que diz respeito a doutrinas, estão dando passos ao lado da vida pública. “Embora não possa mais definir a visão de mundo de toda a sociedade, a religião representa comunidades que também procuram seus interesses no espaço público.” (MARTINO, 2016, p.85).

Com isso parte a caminhar para que se tornem instrumento de colaboração e de portas que se encontrem abertas, para ajudar o próximo assim como se prega em suas reflexões e missões para propagar o evangelho. Distanciam-se da ideia inicial do mundo secularizado e conquista-se seu espaço em um novo mundo midiaticizado, democrático e cada vez mais disposto a conviver com a ideia de que é um mundo pluralizado, em que as discussões se tornam cada vez mais racionalizadas para crentes e não crentes, logo,

A secularização não significa necessariamente o desaparecimento da religião ou do fundamento religioso das ações sociais, mas da progressiva perda de status da religião como ator privilegiado no espaço público. Em um estado laico, ou, como denomina Habermas, uma “sociedade pluralista”, a religião compete com outros grupos de pressão e influência pelo acesso aos circuitos de influência nas decisões políticas, e só pode levar seus interesses ao espaço público dentro das regras do jogo democrático. (MARTINO, 2016, p.101)

Como referência a ideia habermasiana, estar dentro das “regras do jogo” pode ser visto como algumas condições que são colocadas para que a religião se aloque junto as discussões do mundo secularizado e, conseqüentemente, esteja com seu espaço garantido na esfera pública. Primeiramente, para conseguir alcançar a todos e conseguir articular de maneira acessível, promovendo a compreensão para além da linguagem eclesial/religiosa, a teoria habermasiana compreende que no mundo secular a tradução da linguagem é um dos fatores principais para garantir a participação conjunta, sendo que mesmo o indivíduo não crente, possa compreender, participar e considerar válido os pontos de vista religiosos. Nas palavras de Martino (2016, p. 86) “Válido não significa “correto”, mas apenas que “pode ser discutido”.

Nesse ambiente de discussão e compreensão, a tradução se faz importante para que ambas as partes possam aprender uma com a outra e colaborar na construção de um senso comum para chegar a discussões e soluções pertinentes, afinal, um dos princípios da democracia é justamente a pluralidade de pontos de vista.

Em segundo, argumentos e opiniões que sejam baseadas em crenças particulares devem ser descartadas no ato de discussão, pois a fundamentação dentro de um ambiente democrático deve passar a ser mais racional e não com bases e crenças bíblicas, por exemplo. Já que na esfera pública se pretende colocar em discussão questões em que estejam em igualdade e sirvam para todos e não só um nicho específico.

Apesar de hoje a igreja e a comunicação religiosa, de forma ampla, voltem a ter espaço na esfera pública ainda que em uma realidade pós-secular, faz um trajeto ainda desalinhado nos critérios da esfera pública que acompanhamos na ideia habermasiana, no sentido de que ainda existem casos baseadas nas crenças da religião. Por um lado, uma parte busca uma resolução cada vez mais racional com a esfera e outra ainda reagindo como o modelo de esfera pede para não ser no ambiente laico.

As indicações básicas da ideia habermasiana são colocadas para reabrir portas para a participação religiosa dentro do ambiente laico, assim como a possibilidade de compreensão de que a sua interseção dentro da esfera pública pode ser vista como um dos instrumentos necessários para a contribuição das discussões democráticas.

Caminhando em constante adaptação, a colaboração da mídia entra como um suporte para as novas dimensões de linguagem, assim como a expansão e aproximação do público que precisa ser representado. Logo, a mídia vai ganhando novos contornos e mais força através do processo de midiaticização de alguns setores, assim como o da religião e a sua constância em se adaptar as demandas da secularização. Sobre isso, diz Martino:

A secularização ganha uma nova dimensão quando se pensa nas relações da religião com a mídia, quando então a questão da presença ou ausência da religião no espaço público pode ser discutida em termos de sua visibilidade/invisibilidade midiática na esfera pública. (MARTINO, 2016, p.99)

Essa nova dimensão através da mídia nos possibilita observar de forma mais efetiva através dos canais religiosos que surgiram nos últimos anos e sua grade de programação cada vez mais popular, que se encontram momentos além do culto, mas com os debates necessários que circulam a vida em sociedade.

Muito além de estimular debates, o espaço dedicado ao jornalismo e outros métodos de repasse de informação acabam encontrados nesses canais. Programas de debate, reflexões e até o próprio jornal impresso como o “O São Paulo” da Arquidiocese de São Paulo, que é o objeto de análise dessa pesquisa, entrando como instrumento para este campo de secularização e promovendo uma abertura para estar presente no meio popular secular.

Através desses meios, podemos ver a importância da visibilidade, por meio da mídia, pois é através dela que o sujeito se insere nos meios de comunicação, envolvendo-se nas mais diversas pautas da esfera pública. Essa visibilidade mostra que os canais religiosos têm, gradativamente, a possibilidade de tornarem-se meios de comunicação que sirvam como referência de informação para todos os públicos.

E entrar nesse caminho midiático nos permite compreender que as pessoas passam por processos de adaptação para os fatores religiosos serem alinhados e vistos como convenientes para estarem colocados na mídia e socialmente, que, por consequência, a colocam na esfera. Com base nisso, seguiremos essa discussão pelos caminhos da comunicação da Igreja Católica e seu processo de midiaticização da religião.

4 MEDIATIZAÇÃO RELIGIOSA, UM NOVO ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA, DIÁLOGO E PRÁTICAS SOCIAIS

O processo dentro de uma nova esfera pública conta com a influência de outros meios, instituições, figuras públicas e, sobretudo, o ambiente da mídia que se insere na pluralidade cultural. Sendo que parte disso, hoje, nos leva a enxergar o processo de mediaticização que todos passam, a partir da transformação de tecnologias e dos meios de comunicação disponíveis cada vez mais presentes nos diferentes contextos sociais.

É importante falar como a internet, nessa caminhada à inserção nas diferentes esferas públicas, contribui para aproximar o público a essas esferas discursivas e vice-versa. Dentre eles, o público religioso precisou se adaptar e levar a experiência e o sentimento da fé, do presencial para o ambiente midiático. E mesmo com um processo que não foi muito fácil, reconhece a internet como um lugar que complementa experiências fora do mundo real, firmando esses posicionamentos, Moisés Sbardelotto diz que,

A internet é, neste caso, um objeto referido pelas motivações e demandas de prática de um determinado grupo (o religioso), e suas operações dependem de injeções de várias lógicas: as do sistema tecnológico, as do campo religioso

(em termos institucionais) e, também, as dos atores fiéis. (SBARDELOTTO, 2012, p.11)

Diante disto, podemos lembrar a base da lógica habermasiana em que um dos pontos necessários para a efetivação da esfera pública é a participação dos indivíduos e suas diversas culturas, partilhando sua pluralidade, pontos de vista, sobretudo, de forma democrática entre a sociedade. Podemos entender quanto à inserção da religião na esfera pública, que os *atores fiéis* citados por Sbardelotto (2012, p. 91), podem ser os fiéis considerados como participantes necessários para completar e representar a religião dentro da esfera pública, ou seja, “operam-se políticas de contato entre o sagrado e os fiéis, com base em estratégias midiáticas”. Já Martino, complementa essa linha de raciocínio mostrando como as ações midiáticas dos fiéis acrescentam à experiência da religião nos espaços públicos ao preceituar que,

A presença religiosa na esfera pública, pensada em termos de sua visibilidade midiática, não acontece apenas no âmbito das instituições religiosas, mas também nas práticas cotidianas dos fiéis – o que, de alguma maneira, colabora para que a religião esteja presente nos espaços públicos. (MARTINO, 2016, p.102)

Embora sem consenso do significado a respeito do termo “mídiatização”, podemos ver na pesquisa de diversos autores que seu significado pode ser por parte do ambiente e da experiência que se cria entre a relação dos meios digitais e sociais que, cotidianamente, nos fazem interagir por meio dos aparelhos e canais de comunicação.

Inicialmente, a mídiatização faz com que outros meios de comunicação, além do jornalismo (que por natureza já está próximo das dimensões fundamentais para o público), estejam cada vez mais no ambiente online, entretanto, podemos compreender que além da mídia, mas junto a ela, o papel do leigo, atuante, completa esse impulso para colocar a mídiatização como parte da esfera e compreender por meio das atividades midiáticas como alcançar e trabalhar ações atreladas à sociedade. E, através da mídiatização religiosa, podemos compreender a partir de Sbardelotto (2012, p.73) que “a mídiatização, portanto, pode ser entendida como um metaprocessos comunicacional que nos ajuda a entender a sociedade contemporânea, a partir da transformação social que se desencadeia por meio de processos midiáticos”.

Logo a mídia passa a ser mais presente nesses ambientes e mais que um simples instrumento mediador, facilita na hora de enviar e receber informações, passa a estreitar

as relações sociais colocando-se cada vez mais perto da realidade e oferecendo maiores linhas de representação ou caminhos de fala.

Através de Martino (2016, p. 33), observa-se em seus estudos com base em Joshua Meyrowitz que isso se torna cada vez mais presente, à medida que “parte do princípio de que, no mundo contemporâneo, as diversas mídias, como televisores, smartphones, computadores e tablets estão ao nosso redor, gostemos delas ou não”. O autor (2016, p. 67) afirma, ainda, que a partir desses meios é que no ambiente midiático podemos perceber que no processo de midiatização “a mídia deixa de ser instrumento para ser entendida como um dos elementos que constrói a realidade social na medida em que articula “um novo modo de pensar, uma nova forma de estruturação das práticas sociais”.

A religião dentro deste novo cenário midiatizado passa, então, a adaptar suas práticas religiosas. Não se trata só de estar na mídia, mas saber que a mídia agora é parte importante do corpo da igreja, no tocante a aproximação dos inúmeros fiéis, fiéis que estejam em comunhão com ela ou não, e que por muitas vezes, eles estão mais nas plataformas de mídia do que nos bancos e missões das grandes catedrais. Isso coloca a igreja a romper os muros e reconstruir sua estrutura dentro de um novo estilo de viver e comunicar-se que a midiatização propõe. Neste sentido,

a midiatização, especialmente em sua fase digital, introduz no leque das experiências humanas fenômenos que dependem dos processos midiáticos e que são desconhecidos aos ideais e histórias das religiões tradicionais. Para religiões tradicionais como a Igreja Católica, enraizadas em culturas e origens agrárias e pastoris, são necessárias mudanças realmente profundas em seus sistemas simbólicos para que possam ser capazes de responder a todos esses desafios na compreensão de uma nova forma de ver e de viver o mundo que vai nascendo com as mídias digitais. (SBARDELOTTO, 2012, p.69)

É inevitável fugir do processo de midiatização que passou a se encontrar em toda a sociedade. Para a comunicação religiosa seria uma falha evitar estar em meio a tudo o que o ambiente midiático oferece. Mediar a relação com religiosos e as práticas religiosas ganha força através desses meios e pode representar o que pregam diante do evangelho. Leva o papel da igreja, no tocante, a criar novos sentidos para ela estar em meio às ações populares. Segundo Sbardelotto (2012, p. 77), “Isso se deu, historicamente, por exemplo, com o avanço do rádio e da TV, como espaço de debate público, como esfera pública.”. Se pensarmos sobre a inclinação da igreja frente às causas sociais e sua constante projeção aos meios de chegar e executá-las, a mídia entra

como expositora e mediadora entre religião e políticas necessárias para que ela seja vista como uma das aliadas do povo dentro do contexto de representação das causas políticas na esfera pública.

Embora, enfrente, constantemente, alguns assuntos polêmicos, junto ao caminho da midiática que abriu um leque de pluralidade cultural, a comunicação religiosa trabalha seu posicionamento direcionada a algumas causas sociais, isso devido às suas lógicas, doutrinas e éticas tradicionais.

Portanto, podemos repensar na expansão que os canais de comunicação religiosos trouxeram, que na verdade passaram a trazer para conseguir entender a sociedade contemporânea. Sobre isso diz Sbardelotto (2012, p. 76) que: “A perspectiva da midiática, portanto, nos ajuda a compreender que o sistema de comunicação é muito mais aberto do que o modelo matemático permitia entrever.”. Neste sentido, o sistema teria que ser amplo e rápido, logo podemos refletir através de Martino a respeito do investimento em canais, portais, redes e jornais que ampliam a tática de ação da mídia religiosa para fazer desses ambientes midiáticos, reais instrumentos para construção de sentido e fala. Ele afirma que,

[...] seria possível dizer, com essas ressalvas em mente, que a visibilidade pública das instituições religiosas, obtida a partir do uso da mídia, pode significar um aumento na sua força política. Afinal, no momento em que sua visibilidade é maior, é possível indicar a representação dos princípios de vida, individual e comunitária, de um grande contingente de pessoas. (MARTINO, 2016, p.96)

E a partir daí, podemos compreender a dimensão da ação comunicativa que a midiática pode oferecer, muito além de migrar aspectos físicos para o digital, ela consegue mediar esse processo, constantemente, para chegar além da aproximação geográfica e oferecer os meios para estreitar e abrir caminhos para estimular processos sociais, ouvir e representar inúmeras causas e falas.

5 MEDIAÇÃO: APERFEIÇOANDO EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO ON-LINE

Mediar é um processo necessário para a introdução nos meios de midiática, seguindo primeiro o ato de inserir o público, seus meios culturais e sociais, apropriá-los do conteúdo para que cheguem adaptados ao novo formato e contornos que a mídia faz. Sbardelotto na perspectiva de Barbero, traz em pauta que,

[...] a noção de “mediações culturais da comunicação ou de natureza comunicativa cultural”, para destacar o papel da apropriação social dos conteúdos que circulam no ambiente cultural. Em comparação com a análise dos meios como condutos, um avanço foi justamente o de compreender que o meio em si não fazia sentido se não se levassem em conta as mediações, ou seja, as articulações culturais que moldam a comunicação. (SBARDELOTTO, 2012, p.69)

É nesse caminho que se compreende o ambiente ao qual o público está sendo direcionado: a nova experiência religiosa, a nova comunicação religiosa e a transição do sagrado para o mundo online. Essa perspectiva cresce na medida em que não se trata só do culto e suas doutrinas, mas está, segundo Sbardelotto (2012, p. 57) “criando novas áreas do desconhecido e campos imprevistos de necessidade religiosa, o que leva à necessidade, por parte das religiões, de desenvolver novos rituais e mediações teológicas”. Nesse processo, tanto se adapta aos novos contextos e rituais, quanto das novas vias de se comunicar e informar que passam a caminhar junto com as características teológicas religiosas.

A experiência religiosa é mediada através da mídia e embora compreender pareça, inicialmente, confuso quando tentamos alinhar mediação com a midiatização, Martino (2016, p. 36) consegue deixar mais claro quando mostra midiatização como “um movimento de articulação das mídias nos processos sociais, com a consequente alteração de práticas e significados “mediados”, isto é, que ocorrem na mídia”.

Essa alteração parte do ponto de vista da produção para os meios midiáticos, lembrando da alteração dos formatos e adaptação aos novos, sendo eles televisivos ou móveis. Ao receber o estilo de programa de televisão, ou qualquer outro formato fora dos métodos doutrinários, junto a propagação virtual, sendo eles por sites, redes sociais através dos dispositivos smartphones, computadores e demais, logo se trata do processo de midiatização, visto sua alteração nas práticas litúrgicas.

Já a mediação vai auxiliar ambas as partes a se completarem e conseguirem manter o vínculo sem que se percam significados ou que receptores se percam no processo de compreensão e adaptação cultural. Assim, Martino também coloca que

O uso de meios de comunicação por uma instituição religiosa para transmitir uma mensagem, sem que nenhuma prática religiosa seja alterada para isso, não significa sua midiatização, mas sua mediação (mediation). A midiatização tem início no momento em que as mídias se tornam parte das atividades individuais e institucionais. (MARTINO, 2016, p.36)

É uma linha tênue entre mediação e midiatização, o processo de ambas a depender do ponto de vista, mostra o quanto é perceptível que se completam. Ambas refletem efeitos em processos sociais que se destacam sobretudo tanto no acolhimento dentro da comunicação religiosa, quanto no espaço que se abre para prestação de serviço público, visto as mudanças que se colocam nas mídias para se conseguir alcançar. Atualmente, se caminha de forma atrelada frente à evolução da comunicação, tanto na mídia tradicional quanto nos novos meios digitais. A posição institucional da comunicação religiosa assume nova postura diante do ambiente midiático, isso mostra o campo religioso cada vez mais plural, em que de acordo com Martino (2016, p. 36) se direcionam para um “processo no qual tanto a mídia quanto a religião se articulam em práticas e ações comuns”. Não se resume mais a mediar e midiatizar, mas o processo pode acontecer com ambas sendo suporte para um trabalho mais eficaz.

A nova linguagem chega aperfeiçoando os meios de comunicação, sendo eles dos digitais aos impressos, já que o uso institucional assume novas formas, e através de mediações insere o público e suas causas em um ambiente cada vez mais frenético, onde questões morais, emocionais e políticas se tornam parte do nicho que já se usava. O que se faz hoje é levar temáticas existentes nesses meios para dentro de suas pautas e buscar assumir o compromisso que a comunicação por si só já se propõe colocar para problematizar e levar ao debate.

O Jornal “O São Paulo” traz material para analisar esse processo, de sua passagem do modo tradicional para os moldes que a comunicação pede para abraçar o interesse geral, colocando-se em meio aos assuntos religiosos, temáticas de capacidade, para além da esfera privada, mas atendida, mesmo nos moldes eclesiais, como canal para demandas públicas.

6 CONTEXTO HISTÓRICO DO JORNAL O SÃO PAULO

Para mostrar o contexto histórico do Jornal O São Paulo, sua base religiosa e, sobretudo, a linha de conteúdo que abraça a defesa dos seres humanos para ser porta voz não só do evangelho, mas de muitas ações sociais que vinculam a igreja a cidade, é preciso descrever o nascimento da Arquidiocese de São Paulo, marcada por sinal, junto ao nascimento e a história da cidade.

Ainda neste marco, os primeiros traços da igreja são projetados através da iniciativa de missionários e sacerdotes jesuítas vindos de Portugal, sendo um deles o

português Manuel de Nóbrega, que fundou um colégio para evangelização das populações ameríndias. Logo a vila ganha povoação junto ao colégio de jesuítas, seguindo o tempo e a constante povoação local, o novo governador-geral do Brasil, Mem de Sá, decreta o fim da vila e inicia a expansão da cidade de São Paulo, que recebe o nome por conta do dia dedicado ao apóstolo de Cristo.

Com isso, surgem instituições próprias e o clima que favorece à agricultura e criação de animais auxilia a formar a economia local. E, em meio ao desenvolvimento, aos novos habitantes e a presença e domínio das figuras eclesiásticas religiosas, também, passa a ter uma paróquia. Até que em 1745, pelo Papa Bento XIV, deixa de ser paróquia e é criada a Diocese de São Paulo³.

Assim, a Igreja Católica ganha força e raízes que se espalham, rapidamente, junto ao desenvolvimento da grande cidade. A então Diocese é elevada em 1908 à categoria de Arquidiocese por decreto do Papa Pio X, tornando-se exemplo de desenvolvimento do seu bispado e da missão humana e pastoral na cidade de São Paulo, levando com responsabilidade a missão eclesial e pastoral, chegando a muitos outros territórios e estados⁴.

Com tamanha expansão territorial e o número alto de habitantes do Estado de São Paulo, a arquidiocese divide-se em seis regiões episcopais, que promovem o vínculo da arquidiocese com a população em geral, beneficiando a comunhão entre bispo, padres e leigos, estabelecendo laços e espaço para projetos pastorais. Com isso, segundo dados históricos disponibilizados pela arquidiocese, a ação católica cresce em todos países, nos anos 1920 a 1964; com o período das revoluções da década de 20, as lutas por reformas sociais, o desenvolvimento da democracia cristã, a Ditadura de Getúlio Vargas e o golpe civil militar, surgem os primeiros sinais da arquidiocese voltados aos meios de comunicação.

O Cardeal Motta, que foi arcebispo entre 1944 a 1964, inaugura em 02 de março de 1956, a Rádio "9 de julho", que carrega em seu histórico de criação as marcas de repressão da Ditadura Militar. A rádio é forçada a fechar em 1973 pelas medidas do regime militar, após a perseguição que a igreja recebeu por ter uma postura em defesa dos direitos humanos e indo contra as ações da ditadura. Ainda assim, em 25 de janeiro de 1956 o Cardeal lança o primeiro número do jornal semanal "O São Paulo", para levar

³PINTO, Paulo. **Os Dias da História - Fundação da cidade de São Paulo**. 2018. Disponível em: <<https://ensina.rtp.pt/artigo/fundacao-da-cidade-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 2 jan. 2022.

⁴**Primeira fase da Diocese**. Disponível em: <<https://arquisp.org.br/historia/da-arquidiocese/>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

as notícias da igreja e prestar o serviço de informar, junto com movimentos sociais que surgiam para resistência face à ditadura militar, buscando conquistar cidadania, assumir as causas dos pequenos injustiçados, em defesa dos direitos que eram constantemente violados pela ditadura.

O Jornal surge com a missão de entregar a todas as paróquias e comunidades que estão dentro do território da arquidiocese um semanário repleto de informações do cotidiano pastoral da igreja em ação na cidade, assim como adendos das notícias do Brasil e do mundo. No histórico encontrado no site, é destacado que a intenção do Cardeal Motta foi prescrita já em sua primeira edição, como a busca de "ser boa imprensa a serviço do apostolado, da evangelização, anunciando Jesus Cristo com o mesmo vigor e criatividade do apóstolo de quem o jornal emprestou o nome"⁵.

Ainda acrescentam a respeito de sua responsabilidade que a missão não é só a de evangelizar, mas de se empenhar no compromisso com a informação que também deve ser levada à cidade de São Paulo, buscando "ler os acontecimentos que afetam a vida do povo sob a ótica do evangelho de Jesus". Se antes, com ainda baixa acessibilidade, restrições e cuidados frente à ditadura militar, a igreja e o jornal desempenharam seus papéis em informar o cidadão, hoje, com o advento da tecnologia, as facilidades multimídia e expansão que a internet pode dar, o seu desempenho se torna muito maior.

O Jornal O São Paulo permanece como semanário oficial da Arquidiocese, mantido pela Fundação Metropolitana Paulista, fundação mantenedora dos canais de comunicação da Arquidiocese, que antes era conhecida como Sociedade Comercial Rádio 9 de Julho Ltda⁶, título colocado para obter a concessão em 1955, que foi assinada pelo presidente da República, Juscelino Kubitscheck. Em maio de 1962, a sociedade, então, transforma-se em fundação e ganha novo título, posteriormente, em 1985, diante de um quadro de redemocratização do país, até os anos 90, a fundação consegue o retorno da rádio e a sua manutenção livre. Logo, os serviços de comunicação seguem seu trabalho atendendo às exigências técnicas e jurídicas do Ministério das Comunicações e a nova estrutura política democrática do país.

O Jornal e a Rádio mostram dentro da história como a igreja precisou se colocar frente às causas, criar formas de representar e cuidar do povo, criando uma rede de caridade espalhada por todos os cantos de São Paulo, da central às periferias, expandindo as ações e a presença da igreja na cidade. Detalhes que a fizeram se tornar

⁵**História.** Disponível em:<<https://osaopaulo.org.br/historia/>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

⁶**História.** Disponível em:<<https://radio9dejulho.com.br/historia/>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

referência para a igreja no Brasil, e considerando os diversos desafios enfrentados, nunca deixou de se colocar frente às causas, muito além das ações dos meios de comunicação, mas as de cunho social entre crianças, presos, pessoas marginalizadas, ações de suporte para imigrantes e refugiados, entre outras muitas em parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Arquidiocese⁷.

7 JORNAL O SÃO PAULO E SUA PRESENÇA NA ESFERA PÚBLICA

A análise proposta se deu através da observação do semanário publicado pelo O São Paulo, lançado do mês de dezembro de 2021, entre o intervalo de 01 a 21 de dezembro. Após definido o tempo de análise e de alinhar o campo teórico com base na esfera pública e os caminhos midiáticos da religião frente ao mundo pós-secular, partimos a reconhecer como cada pauta seria ligada a temática aqui abordada.

Para identificação nas páginas foi preciso pontuar através de categorias principais para se encaixar dentro da proposta de mostrar o jornal como instrumento de difusão de assuntos para a esfera pública. O jornal com 12 principais cadernos, se divide entre os de viés religioso que pontuam a rotina das paróquias e as iniciativas pastorais, e algumas que oferecem ao leitor uma visão noticiosa, reflexiva, que projetam ações públicas, caritativas e que nos trazem a visão de que o mundo moderno oferece oportunidade e os meios para trazer a força da esfera pública, por meio das ações democráticas que geram oportunidade ao debate racional.

Neste sentido, as categorias encontradas foram *saúde, tecnologia, economia, comportamental e social*, que estão entre os cadernos: *Encontro com o pastor; Geral; Atos da Cúria; Ponto de Vista; Regiões episcopais; Fé e Vida; Com a Palavra; Reportagem; Balanço; Pelo Brasil; Papa Francisco; e Pelo Mundo*. Entre essas foi possível destacar uma frequência de pautas fora do viés religioso em *Fé e Vida, Reportagem, Pelo Brasil, Pelo Mundo e Geral*; que estavam em cada edição com uma pauta direcionada a levar conteúdo paralelo ao da rotina eclesial, seja ela no Brasil ou no exterior, a exemplo das notícias oficiais de Roma.

Pensando pelo olhar habermasiano referenciado no decorrer deste trabalho, para estar na esfera pública é preciso problematizar temáticas para serem solucionadas, e

⁷Arquidiocese de São Paulo. **Vídeo institucional da Arquidiocese de São Paulo - Sínodo 2018-2020**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aajXtqBZKlQ>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

para isso é preciso estar e chegar aonde está o público, gerando debate independentemente da posição individual. Sendo assim veremos algumas que ocasionam uma visão próxima do que a teoria busca repassar.

7.1 Semanário de 1 a 7 de dezembro de 2021– 24 Páginas – Edição 3374⁸

Dos 12 cadernos, quatro estavam trazendo pautas fora da vivência religiosa, sendo: *Reportagem, Pelo Brasil, Fé e Vida, Pelo Mundo e Geral*.

Figura 1: Amostra de matérias do Semanário de 1 a 7 de dezembro de 2021



Fonte: Jornal O São Paulo, edição 3374

Em *Reportagem* duas pautas se destacam, uma de economia de tema “*É tempo de planejar finanças para fugir das dívidas*” com dados que mostram o aumento de endividamento do brasileiro, diante do quadro complexo da pandemia, inflação e desemprego. A segunda, “*Um Natal com fé, esperança e caridade*”, trata das ações sociais que mesmo com contribuição da igreja refletem o apelo e a necessidade constante de ações de caridade que possam somar com serviços públicos e projetem mais iniciativas para pessoas de vulnerabilidade social. Este quesito reforça o referencial que mostra que a esfera pública trabalha buscando estar em meio a sociedade civil e suas relações sociais.

Em *Pelo Brasil/Fé e Vida*, as pautas que se destacam seguem uma linha mais direcionada para a saúde. Com o título “*Novo estatuto assegura atendimento integral às*

⁸Acesso à edição 3374 através da plataforma Issu. Disponível: https://issuu.com/jornalosaopaulo/docs/josp_3374

“pessoas com câncer”, a matéria busca de forma sugestiva informar e conscientizar, e, por isso, é interessante lembrar através do que se pontuou no referencial que esse tipo de pauta faz com que a sociedade civil ganhe força e influência para levar argumentos fortes para o Estado efetivar. Já que ela é a respeito dos direitos de igualdade a acesso ao tratamento, ainda direcionando uma breve crítica ao Governo Federal e o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro de vetar o acesso de pacientes a medicamentos efetivos contra o câncer. Podemos perceber aqui que leva em caminho ao que se configura uma esfera pública mobilizada “que consiste em captar e tematizar os problemas da sociedade como um todo, a esfera pública política tem que se formar a partir dos contextos comunicacionais das pessoas virtualmente atingidas.” (HABERMAS, 1997, p. 92).

Figura 2: Amostra de matérias do Semanário de 1 a 7 de dezembro de 2021



Fonte: Jornal O São Paulo, edição 3374

Segundo a linha da saúde, pautas sobre o quadro da pandemia da Covid-19 também se destacam quanto à atualização de informações a respeito deste período. “Covid-19: a corrida científica para encontrar seres humanos resistentes ao coronavírus” e “Nas férias e festividades de fim de ano, como fica a Covid-19?”, colocam dados científicos sobre a mutação do vírus, pesquisas e testes que seguem sendo executados a fim de chegar até um quadro futuro de resultados que mostrem

novas medicações e tratamentos que reduzam as complicações da doença. Assim como um material de conscientização e cuidados para serem reforçados ainda dentro do quadro pandêmico, preservando assim a vida diante da variante Ômicron, visando melhor informar aos seus leitores a expansão da crise sanitária e humanitária em meio à nova onda de casos da doença.

Para as pautas colocadas em *Geral*, trouxeram tecnologia como assunto a ser considerado. “3 bilhões de pessoas continuam off-line, mas pandemia acelera acesso” leva para um viés sobre a desigualdade de uso e alcance que muitos mostraram ter com diversas atividades em meio a pandemia da Covid-19. Em outras palavras, grupos de realidade ainda excluídos digitalmente.

7.2 Semanário de 8 a 14 de dezembro de 2021 – 24 Páginas – Edição 3375⁹

Nesta edição da segunda semana do mês, três cadernos abordaram categorias de cunho social, tecnológico e educativo. Ainda que brevemente, diferente do anterior, a edição pela quantidade não deixa de ter a característica de abrir espaço para outras temáticas de problemas publicamente relevantes e informativos.

Figura 3: Amostra de matérias do Semanário de 8 a 14 de dezembro de 2021



Fonte: Jornal O São Paulo, edição 3375

Para o caderno “*Viva bem*”, é abordado em um tópico de “comportamento”, uma pauta com tema “*O bom humor na educação dos filhos*”, sobre a influência dos

⁹Acesso à edição 3375 através da plataforma Issu. Disponível: https://issuu.com/jornalosaopaulo/docs/josp_3375

pais no processo de educação e como isso reflete na construção da personalidade dos filhos.

As características comportamentais são destacadas e refletidas pensando em como o bom humor traz leveza e uma educação com mais respeito, firmeza e uma convivência mais alegre. Essa pauta nos lembra a ideia, a partir de Martino, de que a nova esfera pública usa dos jornais, da mídia seja ela virtual ou pelos meios de comunicação, para expor mais assuntos e problemas da vida cotidiana da estrutura básica familiar e outros da sociedade inteira. Seguindo este raciocínio, entra a pauta de tecnologia “5G no Brasil” sobre como a nova frequência de dados móveis impacta na vida pessoal e profissional no mercado de trabalho digital.

Uma pauta que se destaca nesta edição foi localizada no caderno “*Pelo Mundo*”. A matéria “*Conferência Eclesial da Amazônia realizará assembleia em SP*”, envolve tanto a influência religiosa, quanto a de representar um assunto dentro da esfera pública. Como já expressado em teoria neste trabalho, a igreja dentro do processo de secularização não era vista com tanta relevância para abordar certos casos, mas como dito frente ao período pós-secular, o que é importante lembrar que, atualmente, “a religião representa comunidades que também procuram seus interesses no espaço público.” (MARTINO, 2016, p.85).

Com isso, pelas margens de várias experiências problematizadas pela sociedade, reconhecidas por canais religiosos como o jornal aqui colocado, abre espaço para contribuições de grupos religiosos que prezam por ações que cooperem com a caridade e a resolução de problemas políticos. Na linha de pensamento de Habermas (1997, p. 97), “na medida em que essas experiências encontram sua expressão nas linguagens da religião, da arte e da literatura, a esfera pública literária, especializada na articulação e na descoberta de mundo, entrelaça-se com a política”. De modo que concede dentro da prática caminhos para mesclar a esfera pública e privada buscando resoluções para funções sociais.

Logo, não se trata apenas da explanação de ações pastorais da igreja pela Amazônia, mas do compromisso em gerar atenção para políticas públicas para este povo e sua diversidade cultural, gerando uma inquietação maior afim de trazer atenção e ajuda pela causa.

7.3 Semanário de 15 a 20 de dezembro de 2021 – 24 Páginas – Edição 3376¹⁰

Nesta edição, quatro pautas se destacaram em abordagens para informar e trabalhar a participação dos cidadãos em dimensões tanto na formação de opinião quanto no que possa vir a gerar reflexão. E foi perceptível certa sensibilidade diferenciada na produção das temáticas, trazendo reflexão para algumas questões da vida cotidiana e outras de fato com uma narrativa mais acentuada pela economia, questões de progresso e eventos com relevância histórica local.

Figura 3: Amostra de matérias do Semanário de 15 a 20 de dezembro de 2021



Fonte: Jornal O São Paulo, edição 3376

No tópico “*Geral*”, a matéria intitulada de “*A moda do contrato de namoro*” tanto oferece uma visão de opinião quanto abre espaço para a reflexão da nova forma das relações conjugais se portarem hoje em dia. Entre linhas é possível perceber breves pontuações de um posicionamento religioso, mas nada tão crítico, de forma pertinente segue a pauta abordando os aspectos jurídicos e morais.

Partindo para de fato pautas que demonstram uma participação ativa em prol do bem comum, esta edição apesar do número mais baixo de pautas fora da esfera da religião carrega um conteúdo construído com base orientativa e educativa que se direciona um olhar preocupado para a estrutura da vida social no aspecto monetário e saudável.

A exemplo das matérias e reportagens, “*Memória Paulistana: exposição retrata aspectos históricos e culturais da capital*”, abordando em uma perspectiva cultural o

¹⁰Acesso à edição 3376 através da plataforma Issu. Disponível: https://issuu.com/jornalosaopaulo/docs/josp_3376

valor de uma exposição de arte para a conservação histórica da cidade de São Paulo; “*Cirurgias intrauterinas: a manutenção da vida mesmo antes do nascimento*”, que novamente mostra um posicionamento apoiando as iniciativas científicas, asseguram tratamento do bebê ainda no útero e de certa forma podemos ver um olhar generoso da igreja em defesa da vida; e “*Um olho nas festas, outro nos gastos*”, oferece possibilidades de controle de gastos de acordo com a realidade do leitor.

Para fechar a análise desta edição pode-se recordar aqui certa linha de pensamento de Júlio Zabatiero (2008, p. 143) um dos referenciais presente neste trabalho, que embora diante da redução de pautas e com certa aleatoriedade nas temáticas, a pós-secularização permite por razões de conteúdo e abrangência, utilizar questões da mentalidade religiosa e mundana e trazê-las de modo reflexivo. Segundo o autor, isso implica dizer que ambas como “um processo de aprendizagem complementar, podem realizar suas contribuições aos temas controversos na esfera pública e levarem-se mutuamente a sério”. Logo, na medida em que conseguem gerar motivos para participação dos cidadãos, então de alguma forma pode-se dizer que a sua presença nas discussões na esfera pública está sendo efetivada.

7. 4 Semanário de 21 de dezembro de 2021 a 12 de janeiro de 2022 – Edição 3377¹¹

Nesta edição o jornal tem uma certa diferença dos anteriores. Aborda em grande parte das pautas a rotina paroquial e as ações pastorais que acontecem em torno do Natal. Estão nas páginas os eventos, solenidades e outros detalhes que a doutrina carrega neste período, em que o cenário natalino torna tudo mais afetivo, contemplativo e sobretudo o empenho em ser trabalhado o espírito caridoso. Já é, naturalmente, trabalhada toda a simbologia que a doutrina católica vive neste percurso de espera do nascimento de Cristo, mas se destacam suas ações sociais. Essas ganham mais impulso nesse período por levar em consideração as palavras e reflexões que giram em torno de ajudar e levar dignidade aos que estão necessitados.

¹¹Acesso à edição 3377 através da plataforma Issu..com/jornalosaopaulo/docs/josp_3377

Figura 4: Amostra de matérias do Semanário de 21 de dezembro de 2021 a 12 de janeiro de 2022



Fonte: Jornal O São Paulo, edição 3377

E nesse impulsionar, duas reportagens especiais e uma simples, se destacam e nos levam novamente ao pensamento através de Habermas e Martino, que em seus estudos demonstram que dentro de uma realidade pós-secular é preciso perceber a presença das religiões e reconhecer suas funções sociais. A exemplo das matérias especiais *“Para saciar a fome, não para encher o lixo”* e *“Criatividade à mesa para evitar desperdícios e celebrar em família”*, observamos o direcionamento para a conscientização e manutenção de alimentos consumidos, buscando o combate ao desperdício, levando reflexão direcionada para o olhar empático àqueles que não tem o que comer.

A seguinte matéria: *“Desperdiçar comida é uma ofensa a Deus e ao próximo”*, tem um direcionamento reflexivo para alguns aspectos religiosos, no sentido exemplar de seus costumes e ações sociais. Mas, ainda assim, reforça a preocupação do quanto o desperdício é uma prática comum e visto como um ato concreto de egoísmo humano.

Dentro do contexto, observa-se nessa última edição uma busca por expor a necessidade de que os cidadãos se voltem para ações concretas de caridade. E para isso, a produção do jornal se dedica a promover essa causa. A partir daí, o papel do leitor, sendo ele religioso ou não, é tornar-se participante e contribuir com a causa, pelos meios que sejam favoráveis, sobretudo, como vimos, usar as ferramentas de mídia para propagar. Mostrando, assim como visto anteriormente no referencial, que esses indivíduos se tornam participantes necessários para completar e representar a religião

dentro da esfera pública, pois de acordo com Sbardelotto (2012, p. 91), “operam-se políticas de contato entre o sagrado e os fiéis, com base em estratégias midiáticas”.

Um fato perceptível ao terminar a análise em cada semanário, era de encontrar o próprio jornal oferecendo caminhos para midiaticizar seu conteúdo ainda mais, em que anexa aos lados de algumas matérias uma caixa com principais destaques que estão na versão do jornal em forma de portal de notícias, carregando o mesmo conteúdo e muitos outros mais aprofundados.

Figura 5: Amostra de matérias do Semanário de 15 a 20 de dezembro de 2021



Fonte: Jornal O São Paulo, edição 3376

Isso mostra que as categorias, pautas e tópicos são, constantemente, veiculados nas diversas plataformas encontradas, e sobretudo o jornal físico que ainda luta e vive nas mãos de diversas pessoas pela grande São Paulo.

Levando em consideração os pensamentos de Moisés Sbardelotto (2012, p. 11) nota-se que essas operações “dependem de injeções de várias lógicas: as do sistema tecnológico, as do campo religioso (em termos institucionais) e, também, as dos atores fiéis”, começando por eles, mas indo muito além, já que a responsabilidade diante da esfera pública, é abrir o espaço para a discussão e contribuição de todos. Hoje, a igreja usa os meios de comunicação para dar um largo passo, mas a vontade política vai ser alimentada, cotidianamente, por cada leitor consciente que possa levar a discussão para além das páginas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como referência as linhas avaliativas de Jürgen Habermas e de Martino como principais fontes para este trabalho sobre a esfera pública e a presença da religião como

parte dela, é perceptível certos aspectos e condições de como a nova esfera se comporta, sobretudo, diante de um tempo em que as temáticas vistas ao bem comum devem ganhar mais protagonismo e repercussão para estarem mais presentes no espaço público.

O que observamos, hoje em dia, é uma comunicação religiosa que caminha cada vez mais perto da vida do cidadão e de seus problemas, conseqüentemente, entra em uma esfera pública contemporânea, que visto por Oliveira (2021, p. 23), “a esfera pública contemporânea e plural, de maneira contraditória, tem também a vantagem de ser um meio de comunicação isento de limitações, no qual é possível captar melhor novos problemas”. Assim não basta só se reinventar diante da midiaticização e levar suas ações e ritos para outras plataformas, mas enquanto se colocar como instrumento de comunicação, também deve aumentar sua participação política para promoção de informação, ideias, defesas e valores.

Ao analisar o caminho percorrido nos últimos anos, mesmo que frente ao estado laico, é interessante pontuar o quanto ações religiosas se tornaram cada vez mais presentes e necessárias frente a discussões, defesas e diversas ações que influenciam diretamente na contribuição de serviços públicos e diante das discussões políticas, tanto em defesa de seus assuntos internos, quanto contribuição para os externos. E meios de comunicação como o Jornal O São Paulo trazem a possibilidade de abrir caminhos de fato para a religião dentro da esfera pública para defender assuntos pertinentes aos direitos dos seres humanos, afinal enquanto mídia religiosa se deve levar em consideração o que se prega dentro da doutrina da igreja, em respeito à proteção e valorização da vida.

Nas reportagens analisadas é perceptível que embora grande parte da produção se tenha mais conteúdo religioso, afinal o jornal é um semanário de atualização pastoral, busca-se levar desde a sua primeira edição uma característica mais próxima dos assuntos que afligem e permeiam a cidade. Não o bastante mediar apenas a experiência na leitura e nos fatos, mas usar os conteúdos para introduzir a experiência de informar muito mais.

Em cada semanário é possível verificar cerca de 30 matérias produzidas, em formatos mais curtos, pontuais, a respeito de ações pastorais ou reportagens maiores, com espaço tanto para assuntos religiosos quanto de temática secular e outras problemáticas. No semanário de 1 a 7 de dezembro, edição 3374, 6 reportagens receberam espaço no jornal, sendo elas em maioria entre as categorias de saúde; de 8 a 14 de dezembro, edição 3375, 3 reportagens recebem espaço diversificado entre

tecnologia e questões sociais; de 15 a 20 de dezembro, edição 3376, 4 reportagens ganham espaço para as categorias de economia, saúde e relevância cultural local; de 21 de dezembro a 12 de janeiro, edição 3377, apesar da edição ser mais voltada para ações litúrgicas e pastorais do Natal, o jornal abre espaço para 3 reportagens que levam atenção e suporte para ações sociais. Diante dos números é perceptível que, o espaço ainda que pequeno comparado ao espaço de assuntos religiosos, tem seu protagonismo diário na construção de pautas e lugar certo para cada edição.

Conseguimos então perceber certo cuidado em dividir religião, informação, saúde, entretenimento, educação, consideravelmente pautados e com nível de importância e relevância. A exemplo das pautas que atualizam sobre os assuntos da pandemia de COVID-19, ações sociais, educação financeira e temas que precisam de destaque para chamar atenção para políticas públicas. E muito além, gerar a discussão fora das páginas dos jornais, valendo acrescentar aqui a versão do jornal impresso e em portal, que abre mais espaço para outras iniciativas de construção de pautas no ambiente online.

A visibilidade midiática da religião hoje é uma das maiores entre os meios de comunicação tradicionais. E o jornal O São Paulo, apesar do espaço pontuado, oferece temáticas relevantes para se considerar um caminho para a esfera. Fora do período de análise é possível encontrar outros temas relevantes, construídos com seriedade, críticos e sobretudo com destaque a resolução ou a busca de contribuir com os temas abordados.

Pensar hoje sobre a comunicação religiosa através de um veículo da igreja católica, é ver que esses meios se tornam uma extensão de suas ações pastorais que continuamente procuram favorecer as condições de vida do ser humano por meio do evangelho, ações espirituais e um viés organizacional que por doutrina estão em sua base. Mas que usam da nova “roupagem” de fazer comunicação para inserir suas práticas como pautas e se colocar presente diante de muitas outras, afinal é reconhecível que as responsabilidades da igreja hoje são muitas e a sua visibilidade implica na oportunidade de levar ajuda e contribuição para os assuntos que estão nos espaços públicos, já que tem certa influência na vida de grande parte da sociedade.

Sendo assim, é perceptível a importância do uso dos meios de comunicação religiosos como instrumento ou canal, para se fazer presente dentro da esfera pública. A partir do exemplo do jornal O São Paulo, é nítido o espaço que a comunicação religiosa vai ganhando em dimensão para estar como parte da esfera. As pautas colocadas, seguem a cada semanário levando a oportunidade de se colocar assuntos, debates,

reflexões e informações que perpassam o ambiente institucional da igreja e cheguem a toda a sociedade civil, independentemente de sua religiosidade.

Diante do exposto, é imprescindível enxergar a Igreja Católica como instrumento midiático para mostrar cada vez mais como essa instituição mundial busca promover ações independentes do Estado/Governo, em que as responsabilidades públicas não são exclusivamente dos mesmos. Isso nos leva a perspectiva de que a igreja insere e toma essa responsabilidade para si como missão espiritual e de serviço ao próximo, não só de serviços básicos, mas de uma comunicação voltada às questões sociais que de fato está ativa para colaborar. E que dentro da sua doutrina e ética, junto à participação contínua dos cidadãos, seguem buscando um mundo mais democrático, com igualdade e solidariedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. B. L. De. **Razão pública e pós-secularismo**: apontamentos para o debate. GT - Teorias da Justiça / Anpof. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

FUCHS, Christian. **Mídias Sociais e a Esfera Pública**. Revista Contracampo. 2016.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia**: Entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Fé e saber**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

LOSEKANN, Cristiana. **A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro**. Pensamento Plural. 2009.

MARTINO, Luís. **Mídia, religião e sociedade**. São Paulo: Paulus, 2016.

MARTINO, Luís. **Mediatização da religião e esfera pública nas eleições paulistas de 2012**. Revista Brasileira de Ciência Política. 2014.

OLIVEIRA, Juliano. **Habermas e a esfera pública: as aventuras de um conceito**. Revista de Filosofia UFC. 2021.

ROSA, Juliano; SEVERO, Kellen. **Mídia e Religião**: o ponto de luz no discurso midiático lurdiano. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. 2010.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez bit**: A comunicação e a experiência religiosa na internet. São Paulo: Editora Santuário, 2012.

ZABATIERO, J. P. T. **A religião e a esfera pública**. Cadernos de Ética e Filosofia Política 12. 2008.